

CELEBRAÇÃO DE DOMINGOS DE RAMOS

A última semana de Jesus é aberta por um **momento de reconhecimento de quem é Jesus**, mas, ainda de uma forma incorreta, não conforme os seus próprios ensinamentos. Ele é exaltado como Messias; como alguém que iria transformar a realidade através de uma revolução social.

A **liturgia do domingo de Ramos tem dois Evangelhos**. O primeiro lembra a **entrada de Jesus em Jerusalém**, este ano lemos São Lucas. O segundo Evangelho dentro da celebração é sempre da **Paixão de Jesus**. Como nossa liturgia tem seu ponto alto nas celebrações dominicais, a celebração deste domingo tem como centro a Paixão e Morte de Jesus. No próximo domingo, será o Evangelho da Ressurreição (Páscoa). As leituras da missa dos Ramos estão em sintonia com o Evangelho da Paixão.

Isaías na primeira leitura nos fala de um **servo de Deus com uma missão de libertar seu povo**, mas não através da guerra. É um servo obediente: “língua adestrada para falar” e “ouvido para prestar atenção como discípulo”. O diálogo com Deus (ouvir e falar) deverá também ser coloca a serviço do seu povo. **A missão não é fácil!** Violência de todo tipo: espancamento, humilhação e agressões. Mas, nada será maior que sua proximidade com Deus: “Senhor Deus é o meu auxiliador, por isso não deixei me abater pelo desânimo... sei que não sairei humilhado”. O profeta Isaías sem saber conseguiu traçar o melhor retrato de Jesus que se coloca a serviço da **vontade de Deus**, mas, jamais desrespeitando o próximo. Seu poder sempre foi para fazer o bem e mesmo diante da violência, nunca respondeu o mal com o mal.

Jesus procurou viveu uma vida esvaziada de qualquer pretensão para as coisas humanas e mundanas. Sendo Deus, se fez homem (2ª leitura). **Esvaziou-se completamente para estar perto de todos a começar dos últimos, pequenos e esquecidos da sociedade do seu tempo**. Escolheu viver com o necessário para que nenhuma coisa material atrapalhasse alguém se aproximar Dele. Assim, ele ofereceu o rosto bonito de Deus sem máscaras e vaidades. Acolheu a todos, sem perguntar condição financeira e até religiosa.

Jesus se interessou pelo bem do ser humano, sem rótulos e sem preconceitos. Sujeitou-se a tudo para salvar a todos. E por fim, escolheu livremente o caminho para a verdadeira salvação (dos pecados) para toda a humanidade: o caminho que conduziu a cruz. Jesus procurou preparar com cuidado os seus últimos dias em Jerusalém. Anunciou por bem três vezes que iria sofrer muito, seria entregue nas mãos dos religiosos da época e de pagão, seria humilhado e, por fim, morto, mas ao terceiro dia iria ressuscitar. Ele evitou todos os títulos que dessem qualquer ideia de triunfalismo, poder terreno, violência ou algo que inspirasse a qualquer revolta civil contra Roma. Depois dos milagres, pedia silêncio para que sua fama não se espalhasse como alguém poderoso. Sua libertação era mais profunda!

Os **discípulos ao verem Jesus fazendo milagres e prodígios**: curas; reavivamento de mortos; multiplicando pães e peixes; e expulsando espíritos impuros... **alimentaram uma ideia errada do Mestre que seguiam**. Jesus com muita paciência foi procurando destruir essa ideia de Messias somente para os problemas humanos, temporais e pessoais.

O Evangelho do domingo de Ramos inicia lembrando quando Jesus chega próximo da Cidade Santa. Certamente, como um bom judeu, esteve em Jerusalém para as principais festas judaicas. Antes e em outros tempos, foi mais um no meio do povo. Hoje, Jesus olha a cidade e o Templo Santo. O tempo para Jesus está próximo e sua entrada deveria ser diferente. **Tudo está sob o controle de Jesus e tudo aconteceu conforme Ele quis:** o local onde está o animal; o jumentinho; o proprietário... Nada acontece de surpresa ou sem esperar.

Jesus escolhe um jumentinho para entrar em Jerusalém. O animal no Antigo Testamento era usado pelos reis de Israel era a mula, mas Jesus prefere um animal de carga e do serviço usado pelas famílias simples. Cumprindo, assim, a profecia de Zacarias: **“eis que vem a ti o teu rei, justo e vitorioso; ele é simples e vem montado num jumento, no potro de uma jumenta”.** (9,9). Era necessário libertar o jumentinho. Naquele simples animal, já temos um sinal da ação de Jesus naquela cidade especial: libertar das amarras do pecado o seu povo!

Nosso Senhor chega como mais um pobre que nem possui o animal mais simples, por isso precisa emprestá-lo: “... o Senhor precisa dele, mas logo o devolverá!”. **Não tem armas, mas somente sua proposta de paz: não se impõe, mas se propõe como alguém que quer o bem.**

A acolhida de Jesus com ramos era um costume que os judeus usavam na celebração das Tendas, mas acolheram Jesus que vem em nome do Senhor. O povo também coloca “manto” para Jesus passar. Este era algo de precioso para as pessoas simples e os pobres. Deus que visita nossas ruas e nossas casas não para conquistar, mas para se oferecer por nós.

A leitura do Evangelho da Paixão é de uma beleza que não conseguimos entender: um Deus que tinha lavado os pés, mas isto não Lhe bastou; que tinha dado Seu Corpo como alimento, mas também não Lhe bastou. Se entrega na Cruz como um sem honra e sem nada, nu e sem forças. Mas, **na Cruz não ouvimos palavras de ódio e raiva, mas de amor para com todos.** Deus não quis a morte de mais um inocente; mas o sangue fora derramado por opositores do projeto de vida de Deus. Não se faz justiça com sangue, Jesus se entrega e livremente derrama seu próprio sangue para que tudo isso tenha fim!

A justiça de Deus não é dar a cada um o que é seu, mas dar a todos a Si Mesmo, Sua Própria Vida. Encarnação e Paixão se encontram nestes últimos dias de Jesus. Cristo entra na morte, como entrou na carne, porque na morte, entram toda carne (pessoas): **tudo faz por amor para ser como nós e estar conosco em todos os momentos de nossa existência, até lá onde ela faz sua passagem.**

Esta última semana, vemos **Jesus que se despoja por completo, silencioso e em profunda sintonia com a vontade de Deus Pai.** Façamos juntos este caminho meditando os últimos dias de Jesus que são, de algum modo, também os nossos dias finais aqui neste mundo.

Pe. Dirlei Albercio